

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANGELA RIGO MENGATTO

JADY ARROJO TULER DE OLIVEIRA

**DESAFIOS NA TRANSIÇÃO ENTRE ESCOLAS TRADICIONAIS E INOVADORAS
COM FOCO NA AVALIAÇÃO**

CURITIBA

2020

ANGELA RIGO MENGATTO
JADY ARROJO TULER DE OLIVEIRA

**DESAFIOS NA TRANSIÇÃO ENTRE ESCOLAS TRADICIONAIS E INOVADORAS
COM FOCO NA AVALIAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao
Curso de Pedagogia, Setor de Educação,
Universidade Federal do Paraná, como requisito
parcial à obtenção do diploma.

Orientador: Prof. Odilon Carlos Nunes

CURITIBA

2020

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus por ter nos concedido saúde e força de vontade para superar todos os desafios.

Agradecemos às nossas famílias, em especial aos nossos pais e aos companheiros pelo incentivo por todos os anos que estivemos nesta Universidade.

Agradecemos também à Universidade Federal do Paraná por ter nos dado a chance e todas as ferramentas que nos permitiram chegar hoje ao final desse ciclo de maneira satisfatória.

Por fim, ao nosso Orientador Odilon Carlos Nunes que sempre esteve disposto a nos ajudar e contribuir para obtermos o melhor aprendizado.

“A avaliação escolar hoje só faz sentido se tiver o intuito de buscar caminhos para melhorar a aprendizagem.”

Jussara Hoffmann

RESUMO

A avaliação sempre foi um tema muito complexo quando se fala de educação, trazendo muitas divergências de opiniões e práticas. Ainda hoje, muitos falam da avaliação quando se trata de provas e como um instrumento de verificar a aprendizagem dos alunos, e muitos fatores dificultam a superação dessa visão tradicional. Infelizmente, essa crença não perpetua apenas nas instituições de ensino, mas também nas famílias e na sociedade como um todo, que realmente acreditam que a avaliação classificatória ainda é a melhor opção que existe. E, por conta disso, muitas escolas se recusam a mudar seus métodos avaliativos, justamente por medo de ter uma evasão muito grande de famílias que não aceitam as mudanças. É muito importante abrir novos horizontes e perceber que as inovações podem ser muito benéficas para a educação, para isso é necessário um desprendimento da visão saudosista da escola exigente, rígida, disciplinadora, e dessa ilusão do sistema tradicional de avaliação sendo o responsável por uma escola competente. Deste modo, o trabalho visa compreender as dificuldades encontradas pelas instituições de ensino, professores, alunos e famílias em relação à mudança para metodologias que defendem o aluno como sujeito e construtor do conhecimento, junto ao professor, à escola e à sociedade, e possuem um olhar inovador em relação à avaliação, fugindo desse caráter classificatório e seletivo, buscando construir um caráter operacional mais crítico e reflexivo. O estudo tem abordagem qualitativa de revisão bibliográfica com base em diferentes autores sobre o tema.

Palavras-chave: Avaliação escolar. Aprendizagem – Avaliação.

ABSTRACT

The assignment test has always been a very complex topic when it comes to education, bringing many differences of opinions and practices. Even today, many people have the opinion that the assignment test is just connected to exams and as an instrument to verify students' learning, and many factors make it difficult to overcome this traditional view. Unfortunately, this belief not only perpetuates in educational institutions but also in families and society as a whole, who really believe that classification assignment is still the best option there is. And because of this, many schools refuse to change the assignment methods, mainly for fear of having a very large evasion of families who do not accept the changes. It is very important to open new horizons and realize that innovations can be very beneficial for education and for this, it is necessary a detachment from the vision of a traditional, demanding, rigid, disciplinary school and all this illusion of the traditional assignment system being the responsible for a competent school. Thus, this paperwork aims to understand the difficulties encountered by educational institutions, teachers, students, and families about change to methodologies that defend the student as a subject and builder of knowledge, together with the teachers, the school, and society and have a different perspective concerning assignments tests, fleeing this classificatory and selective character, seeking to build a more critical and reflective operational character. The paperwork study has a qualitative approach to bibliographic review based on different authors on the main subject.

Keywords: School assignments. Learning - Assignment test.

LISTA DE SIGLAS

FUNDEF - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	OBJETIVOS	11
2.1	OBJETIVO GERAL.....	11
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
3	CONCEITOS E CATEGORIAS SOBRE AVALIAÇÃO	12
4	METODOLOGIA E FONTES	15
5	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	17
5.1	INTRODUÇÃO SOBRE A AVALIAÇÃO.....	17
5.1.1	Prova como avaliação.....	18
5.1.2	Realidade escolar.....	19
5.2	POSTURA DOS PROFESSORES E SETOR PEDAGÓGICO EM RELAÇÃO ÀS PROVAS.....	20
5.3	COMO A AVALIAÇÃO É VISTA PELOS ALUNOS E QUE SENTIMENTOS CAUSAM NAS CRIANÇAS.....	23
5.3.1	Evasão escolar.....	24
5.3.2	Como a avaliação é vista pelas famílias.....	27
5.4	COMO METODOLOGIAS INOVADORAS PENSAM SOBRE A AVALIAÇÃO TRADICIONAL.....	28
5.4.1	Propostas inovadoras.....	31
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

“a avaliação é uma reflexão permanente sobre a realidade, e acompanhamento, passo a passo, do educando, na sua trajetória de construção de conhecimento”

Jussara Hoffmann

A avaliação sempre foi um tema muito complexo dentro do âmbito da educação, trazendo muitas divergências de opiniões e práticas. Ainda hoje, muitos relacionam avaliação às provas, considerando-a um instrumento de verificar a aprendizagem dos alunos. Mas, será que a aplicação de provas é a forma mais eficaz para isso? Ao conversar sobre esse assunto, é possível perceber que os professores não querem ser taxados como tradicionais e "engessados", contudo não conseguem se desprender desse modelo avaliativo, as provas.

Para Hoffmann (1993), muitos fatores dificultam a superação da prática tradicional e, por conta disso, ainda existe a crença nessa “ação avaliativa classificatória como garantia de um ensino de qualidade, que resguarde um saber competente dos alunos.” (HOFFMANN, 1993). Infelizmente, essa crença não perpetua apenas nas instituições de ensino, mas também nas famílias e na sociedade como um todo, que realmente acreditam que a avaliação classificatória¹ ainda é a melhor opção que existe. E, por conta disso, muitas escolas se recusam a mudar seus métodos avaliativos, justamente por medo de ter uma evasão muito grande de famílias que não aceitam as mudanças. Hoffmann (1993) ainda critica o fato de que as metodologias inovadoras² são classificadas como menos exigentes e menos competentes no oferecimento de ensino.

Para Luckesi (1995), o processo histórico da avaliação como forma de memorização³ iniciou na chegada dos Jesuítas ao Brasil. Sendo assim, o professor era o único detentor e transmissor de saber, cabendo aos alunos apenas o papel de indivíduos passivos em sala de aula.

¹ Avaliação classificatória: avaliação que visa classificar a partir de notas os alunos que obtém o conhecimento ou não.

² Metodologias Inovadoras: propostas que buscam adotar diferentes recursos, aperfeiçoando o desempenho do estudante, priorizando um maior envolvimento com o conteúdo protagonizando a aquisição do conhecimento.

³ Não se perde de vista a importância da memorização no âmbito da psicologia, porém a expressão memorização está sendo tomada no corpo desse texto com uma compreensão pedagógica, como aparece na discussão sobre a avaliação.

É muito importante abrir novos horizontes e perceber que inovações podem ser muito benéficas para a educação e para isso é necessário um desprendimento da visão saudosista da escola exigente, rígida, disciplinadora, e dessa ilusão do sistema tradicional de avaliação como o “responsável por uma escola competente” (HOFFMANN, 1993). É necessário entender que esse modelo de educação está cada vez mais distante da realidade que se vive hoje e perceber que isso está aumentando as reprovações e evasões. Com isso, o método equivocada com que os professores realizam a correção das atividades avaliativas muitas vezes parecendo uma punição pelos “erros” e pelo próprio comportamento dos seus alunos, afeta o cognitivo dos mesmos, desestimulando-os e levando-os a evadir da escola. O erro deve ser compreendido como parte da aprendizagem, sendo necessário encontrar maneiras de corrigir tais erros. Sendo assim, Hoffmann (2002) complementa, dizendo que “a intervenção pedagógica deve adaptar-se ao processo de construção do aluno, com situações de ensino-aprendizagem concebidas para superar desafios, que possam ser enfrentados pelos alunos e que possam fazê-los avançar sempre”. (HOFFMANN, 2002).

Inclusive para Freddo (2009),

A avaliação da aprendizagem, aspecto fundamental do sistema de ensino em qualquer instituição educativa, deveria promover a inclusão do educando à sociedade, no entanto, ela é a principal responsável pelo fracasso e evasão escolar e se transforma no elemento principal da exclusão social. (FREDDO, 2009, p. 10)

E, ainda, para Freddo (2009), o resultado desse processo é a reprovação e a evasão em massa, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Um educador, que se preocupe com que sua prática educacional esteja voltada para transformação, não poderá agir inconsciente e irrefletidamente. Cada passo de sua ação deverá ser marcada por uma decisão clara e explícita do que está fazendo e para onde está encaminhando os resultados de sua ação. A avaliação, neste contexto, não poderá ser uma ação mecânica. Ao contrário, terá de ser uma atividade racionalmente definida, dentro de um encaminhamento político e decisório a favor da competência de todos para a participação democrática da vida social. (LUCKESI, 2002, p. 46 apud ARAÚJO, 2009, p. 17).

Segundo Jussara Hoffmann (1993),

a maioria das escolas públicas apresenta o mesmo panorama: muitas turmas, de muitas crianças, nas primeiras séries do 1º grau; turmas únicas, de poucos alunos, nas 8ªs séries do 1º grau. Para cada 100 escolas de 1º grau completo, 10 escolas, em média, de 2º grau. Índices assustadores de reprovação nas classes de alfabetização, e nas 5º séries, principalmente, além de discutíveis índices de evasão. (HOFFMANN, p. 13, 1993).

Esses dados chamam a atenção, pois se percebe que o aluno desiste quando se dá conta de que será reprovado. E isso não é garantir equidade à todos, pois não adianta ter escolas e não ter uma educação de qualidade que vise a aprendizagem dos seus alunos.

Deste modo, o trabalho visa compreender as dificuldades encontradas pelas instituições de ensino, professores, alunos e famílias em relação à mudança para metodologias que defendem o aluno como sujeito e construtor do conhecimento, junto ao professor, à escola e à sociedade, e possuem um olhar diferente em relação à avaliação, fugindo desse caráter classificatório e seletivo, buscando construir um caráter operacional mais crítico e reflexivo. Discutindo, então, quais os desafios encontrados na transição de metodologias e quais são as possíveis estratégias de mudanças.

Visa-se responder este questionamento, mediante o desenvolvimento deste trabalho, a começar por uma revisão de literatura que possibilite identificar e sistematizar conceitos e categorias de análise pertinentes a esse campo teórico e prático referente à avaliação educacional e escolar.

2 OBJETIVOS

"Na medida em que ocorre o reconhecimento do limite e da amplitude de onde se está, descortina-se uma motivação para o prosseguimento no percurso de vida ou de estudo que se esteja realizando"

Cipriano Carlos Luckesi

2.1 OBJETIVO GERAL

Abordar os desafios da transição entre metodologias tradicionais para inovadoras nas escolas, tendo como foco principal o eixo da avaliação.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Caracterizar e analisar as ideias centrais das metodologias tradicionais e inovadoras, na esfera da avaliação educacional e escolar.
- b) Definir os conceitos de avaliação nessas diferentes visões metodológicas;
- c) Identificar os prós e contras nas situações em que ocorra a transição metodológica;
- d) Pontuar as principais dificuldades encontradas nessa transição para a instituição, docentes, discentes e para a família;
- e) Contribuir para a construção de uma bibliografia de referência para o tratamento desse assunto.

3 CONCEITOS E CATEGORIAS SOBRE AVALIAÇÃO

“A avaliação da própria aprendizagem é um dos meios mais eficazes de promover a aprendizagem com liberdade e responsabilidade.”

Piletti, 1995.

Na realidade das escolas de hoje, uma dificuldade vivida por muitos educadores é avaliar seus alunos, vindo acompanhada de muitas dúvidas, incertezas e incoerências. Para Ronca e Terzi (2018), a educação não evoluiu tanto em relação às outras áreas de atividade humana. Além do cotidiano das escolas serem praticamente os mesmos durante anos, as provas também não sofreram grandes mudanças, elas continuam sendo o centro da vida na comunidade escolar e um momento repleto de expectativas, polarizando e modificando o cotidiano da escola.

Segundo esses autores, Ronca e Terzi (2018), a prova continua sendo a única justificativa para os alunos estudarem e o único recurso que a escola tem para incentivar ou obrigar os alunos a estudarem. Além disso, a prova acaba sendo também um recurso para rebater possíveis inquições de pais. Mas, mesmo assim, o modelo avaliativo defendido pela maioria das escolas acaba sendo classificatório e excludente.

Ao serem questionadas e provocadas a adotarem mudanças, muitas escolas acabam hesitando com a justificativa de que “faltam recursos para uma avaliação mais científica, educadora e quiçá humana.” (RONCA; TERZI, 2018, p. 15). Que é aceito devido às reais condições com as quais trabalha a maioria dos professores, fortalecendo esses métodos avaliativos “prontos”, pois torna o trabalho e o cumprimento do cronograma mais viável, diferente de métodos avaliativos inovadores que exigem tempo e impõem novas dificuldades para um pensar específico baseado nas experiências vividas em sala de aula.

Independente da metodologia, a avaliação tem um caráter organizador, que visa analisar a aprendizagem do aluno, a inovação é pensar o que fazer com esse dado além de classificar. Podendo ser utilizada como recursos para os professores

entenderem quais mecanismos de aprendizagem são mais favoráveis aos seus alunos e também como auto avaliação do seu papel como mediador.

O autor Luckesi (1995) aponta a avaliação tradicional como forma artificial, insuficiente e unilateral de aprendizagem, e por meio da qual são estimulados apenas os aspectos cognitivos ligados à memória, além de não explorar as diferentes formas de expressão e conhecimento do aluno. O processo incentiva um caráter competitivo em sala de aula, partindo do princípio que os alunos são submetidos a um sistema de avaliação classificatório.

Por isso é importante refletir sobre o conceito de escola e quais são os princípios que ela pretende defender, ou seja, o ambiente escolar é um lugar onde se transmite conteúdos prontos ou um lugar onde se busca construir e sistematizar diferentes conhecimentos? E é seguindo esse raciocínio que Ronca e Terzi (2018) defendem a escola como uma grande incentivadora do pensamento, estimulando a capacidade criadora de cada aluno. Para eles o grande desafio de uma escola é exatamente esse, “como formar pessoas que pensem, que participem, que argumentem?”

Ronca e Terzi (2018) discutem a prova como um “momento de reorganização dos conhecimentos e das vivências em sala, com outra dimensão e metas.” Nesse sentido, o momento da avaliação seria para

verificar se o aluno, de posse de conteúdos básicos e a partir deles, sabe pensar, argumentar, contrapor e operar, enfim, tais conteúdos, a partir da leitura, compreensão e interpretação de questões. (RONCA; TERZI, 2018, p.24).

A prova passa, então, a ser mais um momento de aprendizagem, valorizando mais o pensamento crítico do que somente a memorização. Consequentemente, esse momento é vivenciado com maior tranquilidade e confiança por parte dos alunos, entendendo que está sendo desafiado, mas também provocado a argumentar e demonstrar a sua compreensão sobre determinado assunto que já foi discutido anteriormente, pois a prova deve sempre ser um reflexo da aula.

Além disso, entende-se também que o erro faz parte desse processo e que não terá teor punitivo, diferente da metodologia de provas tradicionais, na qual mais se pune do que corrige. Acredita-se que o erro faz parte da construção do

conhecimento, e mais do que corrigi-lo é importante reconhecer o que aconteceu durante o processo que o levou ao erro. Desafiando uma tradição que coloca maior ênfase na informação do que no pensamento.

Mas o que se busca realmente questionar durante o trabalho é o fato de que, se essas teorias parecem tão assertivas e óbvias ao serem destacadas, porque é tão difícil implementá-las? E é buscando respostas a essa pergunta, que diversos autores serão consultados com o intuito de identificar e delimitar conceitos e categorias de análise que contribuam para a compreensão desse processo.

4 METODOLOGIA E FONTES

“A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível.”

Severino, 2007.

O tema escolhido para dissertação do trabalho de conclusão de curso se deu pela instituição de ensino que ambas as discentes realizam seu estágio não obrigatório. Essa instituição escolar está em processo de transição metodológica, deixando uma metodologia Tradicional conservadora para uma proposta Inovadora, buscando sempre colocar o aluno como protagonista do processo de ensino e aprendizagem. Devido a essa vivência, surgiu o interesse de dissertar sobre, pois enfrentam muitas das dificuldades que o trabalho vai abordar.

O estudo apresentado tem por base a revisão bibliográfica, e apresenta os principais conceitos, justificativas e características sobre o assunto abordado, do ponto de vista da análise feita por diferentes autores, visando uma pesquisa qualitativa. Nesta pesquisa, foram considerados os seus principais referenciais teóricos: Paulo Afonso Caruso Ronca, Cleide do Amaral Terzi (2018), Jussara Hoffmann (1993), Cipriano Carlos Luckesi (1995), Júlio Furtado (2005), Léa Depresbiteris (1989), Joelma Araújo Rufino da Silva (2005), Magna Lúcia Furlanetto Gaspar (2010), Rozeli de Fátima Pissaia Gabardo Pereira (2012), Celso dos Santos Vasconcellos (1995), e outros que discutem a avaliação em diferentes visões metodológicas, dando ênfase nas metodologias inovadoras. Será trabalhado a partir das contribuições dos autores citados e outros, seguindo seus estudos analíticos dos textos em questão.

Embora tenham sido incluídos alguns dados, a finalidade do trabalho segue a pesquisa qualitativa. Os dados citados terão apenas objetivo de exemplificação.

Foi optado pela revisão bibliográfica pelo fato de que a Instituição inspiradora está ainda em processo de construção dos documentos oficiais, pois está em fase de adaptação e reformulação da metodologia em si. Como o objetivo do trabalho é realmente enfatizar esse processo de transição, abordando os possíveis desafios enfrentados, julgou-se que a revisão de estudos sobre o tema é a melhor alternativa.

Para Silva e Menezes (2005, p. 30), “o conteúdo da revisão bibliográfica deve abordar o que já se sabe sobre o tema, quais as lacunas existentes e os principais entraves teóricos de acordo com o objetivo da pesquisa.”.

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. (SEVERINO, 2007, p. 122).

Em relação ao conteúdo trabalhado não foram encontradas muitas dificuldades, porém a sociedade como um todo se encontra em um momento atípico, o que nos trouxe empecilhos para a construção do trabalho. Até pelo fato de não vivenciar o ambiente escolar em sua totalidade, pois a própria metodologia precisou ser reformulada para o ensino remoto.

5 REVISÃO CONCEITUAL

5.1 INTRODUÇÃO SOBRE A AVALIAÇÃO

“A avaliação é um mecanismo de exclusão e de poder.”

Freddo, 2009

Ter acesso à educação é um direito de todas as crianças e adolescentes, e isso é garantido por lei, mas infelizmente garantir a vaga não significa promover um ensino de qualidade. Mesmo sendo um direito, muitas vezes a escola acaba sendo excludente e ditadora, por isso muitos alunos a frequentam por conta da obrigatoriedade em vez de fazê-lo por prazer. Isso acaba resultando muitas vezes em evasões escolares, pois os alunos, principalmente os de baixa renda, não se identificam com a vivência na escola. E o sistema avaliativo é, em grande parte, culpado por essas evasões.

Esse tema, avaliação, ainda é um tabu que muitos fogem da discussão, por ser algo complexo tanto para discutir quanto para aplicar. Teoricamente a avaliação serve para medir se tal aprendizagem ocorreu, mas na prática é vista como uma garantia de que a matéria e o conteúdo vão ser respeitados, através de ameaças do tipo “prestem atenção, pois vai cair na prova”, “se não for bem na prova vai reprovar”. Além de ser totalmente classificatória para quem as realiza.

Segundo Pereira (2012) a avaliação da aprendizagem tem sido vista pelos educadores como o fim último da aprendizagem, em que ele aplica o instrumento da prova e dali retira a nota que o aluno mereceu pelo seu esforço. O que é equivocado, pois focar em um momento único para ser avaliado acaba deixando muitas evidências de que o aluno aprendeu de lado, pois ele pode demonstrar isso em várias situações. O modelo de avaliação como se é conhecido não foca na aprendizagem do aluno e sim nos erros que ele cometeu. Isso torna aquele momento de avaliação muito problemático e de totais incertezas, causando estresse e ansiedade. Esses sentimentos colocados em função do momento da prova podem, com certeza, prejudicar o aluno na realização da mesma. E, infelizmente, por ser o momento único de avaliação, o aluno acaba ficando com uma nota baixa, e isso não pode significar que ele não aprendeu o conteúdo. Assim como, o contrário também existe, quando um aluno que possui a autoestima elevada e confiança para realizar a prova, tira uma nota alta, porém isso não significa que ele aprendeu o conteúdo, reforçando a prática da memorização, principalmente quando

chega próximo da data da prova, o que demonstra que nem sempre o aluno que vai bem na prova aprendeu realmente o conteúdo.

Isso acaba conservando e reproduzindo a sociedade, o que afasta ainda mais os educandos de todo o processo, pois ele não se sentirá confortável em um ambiente autoritário.

Esse papel disciplinador do sistema avaliativo, acaba permitindo que o professor se coloque em patamar de autoridade e os alunos de submissão, classificando quem é merecedor ou não de uma boa nota. E essa prática acaba normalizando a situação, fazendo os alunos respeitarem essa lógica buscando uma nota merecedora. Para Pereira (2012), essa domesticação dos alunos ocorre por meio do autoritarismo do professor que determina a razão do docente em detrimento da do discente ao não entender a linguagem ou não responder a alguma questão do instrumento avaliativo.

O que se vê nas escolas, é uma avaliação classificatória que visa somente enquadrar, organizar e categorizar quem é bom aluno ou não, em vez de buscar compreender o que foi aprendido ou não para que possa ser recuperado.

A prática avaliativa pode ser grande aliada na construção da cidadania ou também, a grande causadora da exclusão escolar e do autoritarismo dentro da escola. Para Freddo (2009), a avaliação é um mecanismo de exclusão e de poder, pois a reprovação continuada ocasiona uma perda da autoestima e desinteresse pelo estudo, levando com certeza à exclusão.

5.1.1 Prova como avaliação

Comumente, relaciona-se o ato de avaliar ao simples fato de atribuir uma nota. Nessa perspectiva, aponta-se o equívoco de focar apenas em um produto final. Goldberg (1980) apud Depresbiteris (1989) refere-se ao problema de se considerar a avaliação como aplicação de uma prova final. A autora afirma que muitos professores não se lembram de que é natural e espontâneo considerarem, na avaliação, outros recursos, tais como trabalhos diários, observações e registros e todas as atividades que permitem inferir desempenhos. (DEPRESBITERIS, 1989.)

Os instrumentos avaliativos utilizados, na maioria das vezes, não demonstram o real conhecimento a ser avaliado. A prova, como se pensa hoje, não garante uma aprendizagem efetiva, inclusive muitas vezes alunos que obtêm uma

nota boa não se lembram do que aquela aprendizagem se trata depois de um tempo, e o pior é que algumas vezes os alunos são competentes, mas não conseguem se expressar naquele método avaliativo. O que acaba classificando os mesmos, e erroneamente.

Luckesi (2000) questiona o fato de esses instrumentos servirem apenas como recursos de coleta de dados ou como controle disciplinar. Afinal, muitas vezes a prova é utilizada como ameaça de reprovação, gerando medo e submissão, advertindo os estudantes que, se não mudarem o comportamento serão reprovados no final do ano.

5.1.2 Realidade escolar

Quando se fala sobre os problemas enfrentados pelo sistema de educação, os instrumentos avaliativos ligados ao processo de ensino-aprendizagem são os mais evidenciados, partindo do princípio que abrangem todo o contexto escolar. Pauta-se então, acerca dos obstáculos encontrados pelos “sujeitos” da avaliação ao entrarem em conflito com os métodos avaliativos utilizados pelos docentes, questionando-se: A avaliação faz referência a todo o conteúdo trabalhado em sala? Utiliza os métodos mais adequados? Respeita as particularidades reais de cada aluno? Destaca-se que o sistema de avaliação deve ter foco no aluno e não apenas na formalidade do controle do currículo escolar; ele serve de instrumento, no contexto onde se acompanha o conhecimento dos saberes que os discentes já adquiriram durante sua trajetória escolar. É de extrema importância, para o processo educativo, que o “aluno [...] se sentir sujeito de sua própria avaliação; ele não pode sentir a avaliação como um processo do professor em relação ao qual ele se coloca de fora.” (TEIXEIRA, 2003, p.59).

Grande parte do sistema educacional brasileiro, hoje, pauta-se em um formato de avaliação quantitativo, sendo assim, um formato que não respeita as diferenças, limitações, particularidades e potencialidade de cada aluno. Para a maior parte das escolas e educadores o conceito de avaliar baseia-se em atribuir nota a um montante de atividades e testes, resultando no alcance de determinado conceito, nota ou sistema classificatório. Tais métodos distinguem-se do que orienta a Lei de Diretrizes Bases - Lei 9394/96, art. 24, inc. V, alínea a; quanto à educação básica, a mesma aponta para a necessidade “avaliação contínua e cumulativa do

desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.” (BRASIL, 1996).

5.2 POSTURAS DOS PROFESSORES E SETOR PEDAGÓGICO EM RELAÇÃO ÀS PROVAS

“Professores a usam como instrumento de controle dos alunos”

Vasconcellos, 1995

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases, os docentes têm o dever de prezar pela aprendizagem dos alunos, incluindo a verificação do rendimento escolar; com isso, é tarefa do professor realizar avaliações cumulativas e processuais do desempenho do aluno, dando ênfase nos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. Em contrapartida, na prática, acontece de forma diferente, inversa, ou seja, prioriza-se o quantitativo sobre o qualitativo.

No método avaliativo tradicional, o aluno é classificado a partir do processo corretivo. A partir dessa concepção, para Paulo Freire (1987), o professor será sempre o que sabe, enquanto que o aluno será sempre o que não sabe.

Inclusive, Vasconcellos (1995) analisa “a distorção que ocorre com a avaliação em que professores a usam como instrumento de controle dos alunos ou como instrumento de discriminação social, em que separam, por meio da reprovação, os alunos que têm capacidade daqueles que não a têm.” (VASCONCELLOS apud PEREIRA, 2012, p. 6).

Para Hoffmann (2003, p. 21) o professor “reduz a prática avaliativa à realização de provas obrigatórias e à atribuição de notas para fins burocráticos”, encarando educar e avaliar como momentos distintos que não se correlacionam.

A discussão acaba sendo sobre justiça ou injustiça e sobre o resultado do desempenho do aluno, que é julgado como responsável ou irresponsável, estudioso ou displicente, quando a nota deve ser representante fiel da aprendizagem ocorrida durante o tempo escolar do aluno.” (PEREIRA, 2012, p 7).

Para Hoffman (2009), a avaliação mediadora ⁴tem como necessidade prestar muita atenção no aluno, além disso, é de extrema importância, ouvi-lo, conhecê-lo, propor novos desafios que desenvolvam sua autonomia, e que coloque em prática todo o seu intelecto, permitindo que no momento de uma futura correção, o professor reflita sobre as hipóteses construídas pelos alunos, pois quanto maior a aproximação, empatia e intimidade entre professor e aluno, maior será o aprendizado. Mas infelizmente não é o que se vê atualmente, a avaliação para os professores acaba sendo um instrumento examinador de alunos que ele mal conhece, pois não se permite.

Para Luckesi (2004), existem duas práticas diferentes: examinar e avaliar. Em sua concepção, o autor acredita que avaliar significa contribuir com a construção do melhor resultado possível e não simplesmente aprovar ou reprovar algo. Os exames imobilizam a aprendizagem; a avaliação estrutura espontaneamente. Para o contexto em que estamos trabalhando, os exames dizem respeito à avaliação tradicional e a avaliação diz respeito à avaliação mediadora.

De acordo com Luckesi (2000), a escola, hoje, não avalia a aprendizagem do aluno, mas, sim, examina. Conta, assim, com exames classificatórios, seletivos e excludentes, excluindo grande parte dos alunos. Além disso, enfatiza que o erro da escola sobre avaliação é examinar o aluno ao em vez de avaliá-lo.

De acordo com a reportagem “*Toda a atenção para a Neurociência*” da Revista Nova Escola ⁵(Junho/Julho 2012), sendo uma revista de divulgação de conteúdo jornalístico:

Aprender não é só memorizar informações. É preciso saber relacioná-las, ressignificá-las e refletir sobre elas. É tarefa do professor, então, apresentar bons pontos de ancoragem, para que os conteúdos sejam aprendidos e fiquem na memória, e dar condições para que o aluno construa sentido sobre o que está vendo em sala de aula. (Toda a atenção para a Neurociência, 2012, p. 55).

⁴ Avaliação Mediadora: coloca o professor como mediador no processo de ensino aprendizagem, exigindo que conheça seu aluno proporcionando um caminho voltado à autonomia moral e intelectual.

⁵ Trata-se de um artigo de divulgação científica.

Destaca-se, então, a importância de se considerar todo o conhecimento do aluno. Não se prendendo a uma avaliação “fechada” que conduza apenas às respostas “sim e não”, pois isso não avalia o que o aluno realmente internalizou. A avaliação deve-se pautar em um modelo de avaliação “aberto” que gere possibilidades para o aluno refletir sobre sua resposta, fazendo com que o professor também reflita sobre que conhecimentos o aluno assimilou e em quais conteúdos terá que reforçar esta assimilação.

Hoffmann (2009) assegura que “a ação avaliativa mediadora se desenvolve em benefício do aluno e dá-se fundamentalmente pela proximidade entre quem educa e quem é educado”.

Neste sentido, Luckesi (2000) afirma que:

“Necessitamos de um currículo centrado no desenvolvimento, na construção, na experiência da igualdade e da democracia, pois neste sentido avaliação é o ato de subsidiar a construção de resultados satisfatórios. Necessitamos de um currículo que valorize os conhecimentos prévios do aluno, que o respeite e valorize como indivíduo formador de opinião e ser crítico da realidade que o cerca. Temos de abrir mão do poder autoritário e aprender a viver democraticamente, o que implica em servir e não impor.” (LUCKESI, 2000, p.01).

Em contrapartida, o que temos, hoje, é o currículo tradicional de uma pedagogia tradicional, baseada em princípios seletivos.

Assim, respaldando-se em Luckesi (2000), o autor evidencia que o professor precisa compreender o que é avaliar e, simultaneamente, praticar essa compreensão no cotidiano escolar. Porém, esta prática exige mudanças não só do professor, mas também do sistema de ensino em questão.

Hoffmann (2003), em seu livro “Avaliação, Mito & Desafio”, teve a oportunidade de conversar com professores sobre a avaliação, e, ao pedir que definissem à mesma a partir de personagens, trouxeram símbolos ruins. Isso mostra como os próprios professores encaram a avaliação como algo pejorativo e ruim. E isso causa ainda mais dúvida sobre porque não buscar mudanças nessa prática tão importante dentro do ambiente escolar.

É muito desafiador para o professor repensar a construção do conhecimento, sendo essa a grande questão pedagógica em sala de aula. Por ser um grande

desafio, muitos docentes preferem o cômodo, o já conhecido, e quando possuem alguma dificuldade dentro de sala, acabam se apoiando na pressão da nota para garantir o controle da turma.

Diria, em síntese que os professores não são culpados pelos resultados obtidos pelos alunos, mas são sim responsáveis. Serão, entretanto, culpados se não forem comprometidos no sentido de buscar seu aperfeiçoamento e se não preservarem a sensibilidade ao lidar com a complexidade do processo. Nesse sentido, diz Rouanet (1988, p. 131), “para ser lúcido, o olhar tem que se libertar dos obstáculos que cerceiam a vista; para ser reflexo, ele tem que admitir a reversibilidade de modo que o olhar que vê possa por sua vez ser visto”. (HOFFMANN, 1998 apud FREDDO, 2009, p. 13).

5.3 COMO A AVALIAÇÃO É VISTA PELOS ALUNOS E QUE SENTIMENTOS CAUSAM NAS CRIANÇAS

“Parece que a professora está espiando e a qualquer momento vai rir ou cobrar que o aluno não aprendeu”

Aluna em entrevista com Jussara Hoffmann, 2012.

A avaliação, para os alunos, ainda causa muito medo e ansiedade, pois constantemente são lembrados da sua existência e ameaçados de que devem saber o conteúdo para que possam passar de ano através da avaliação. Na mesma pesquisa realizada por Hoffmann (2003), citada anteriormente, ela pôde perguntar o que a avaliação significava para algumas alunas:

A surpresa vem de imediato ao descobrir o medo que os instrumentos avaliativos nelas provocam: uma aluna (de doze anos) representa a avaliação como uma descarga de raios e trovões devido ao estado de ansiedade que desencadeia no mesmo, antes e durante a aplicação do instrumento avaliativo. Relata ainda, que tudo ao seu redor fica “murcho e feio”, resultando num “branco”. A segunda aluna (de vinte anos) diz que o instrumento avaliativo sempre significou “uma bomba que a qualquer momento poderia explodir”, mesmo tendo estudado muito e obtendo notas altas em todos eles. Também para a terceira aluna (de onze anos) os instrumentos são algo ruim e que parece que a professora está espiando e a qualquer momento vai rir ou cobrar que o aluno não aprendeu. (HOFFMANN apud PEREIRA, 2012, p. 5).

Isso tudo acaba sendo prejudicial para que a aprendizagem realmente ocorra, pois, esse clima de ameaça e ansiedade prejudica a compreensão dos conteúdos, causando uma barreira na aprendizagem. Na maioria dos casos, por não ser um ambiente prazeroso e significativo, a escola passa a ser uma obrigação

chata e que não faz muito sentido para os alunos. Vivem em função de memorizar conteúdos que cairão em uma futura prova, que sabem que se não tirarem uma nota razoável será castigado. Esse castigo pode ocorrer de diversas formas, vindo da família, dos colegas, da escola e do próprio aluno, pois reforça uma ideia classificatória onde a autoestima do mesmo é colocada à prova.

Aquele ser que já está vivendo uma fase de descobertas, dúvidas, e adequação na sociedade, acaba se sentindo ainda mais excluído dentro de ambientes que teoricamente deveriam servir de porto seguro para a criança ou adolescente.

Além disso, quando se pensa em uma proposta pedagógica diferente, dificilmente os alunos são consultados, os colocando novamente em uma posição de aceitação e subordinação, reforçando esse sentimento de não pertença àquele local.

Assim, quando repensar o Projeto Político Pedagógico e conseqüentemente o sistema avaliativo, os profissionais devem conhecer o local que estão inseridos e ouvir toda a comunidade escolar, principalmente seus alunos. Para que, somente assim, a educação seja pensada para eles, e então ser condizente à função social da escola e com qual tipo de cidadão que se quer formar.

Por isso, é necessário que se adote uma perspectiva de educação emancipatória, colocando o aluno como ponto principal de todo o processo, para que ele se sinta parte disso e entenda que ali é um lugar seguro, onde pode buscar conhecimentos que não vai encontrar fora dali, e que podem ser grandes instrumentos de emancipação.

5.3.1 Evasão escolar

A avaliação escolar é fundamental para todo o sistema de ensino, pois busca compreender como está a aprendizagem dos seus alunos e incluir o educando na sociedade. Porém é uma das principais responsáveis pelo fracasso escolar, e principalmente pela evasão dos alunos, o que enfatiza a exclusão social. Enquanto a maioria das metodologias discutidas atualmente defende o respeito pelas crianças, seus diferentes ritmos e maneiras de aprender, o sistema avaliativo rema

totalmente contra a maré, pois classifica seus alunos como capazes ou incapazes, sem levar em conta todo o processo de aprendizagem.

Na escola, a avaliação é representada por uma nota onde o processo se torna excludente, pois julga a capacidade do indivíduo através de uma representação numérica, fiando-se apenas em dados apresentados e não no contexto geral onde o aluno está inserido. O julgamento através dos dados específicos, muitas vezes, se torna cruel. (FREDDO, 2009. p.11).

Segundo Freddo (2009), com a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) em 1997, houve uma expansão enorme de matrículas, a ponto de quase universalizar o acesso ao Ensino Fundamental. Mas, apesar disso, houve também baixo índice de produtividade, ou seja, mais alunos passaram de ano com menor capacidade de conhecimento. Compreendendo que esse índice se prolongue, resultando em muitas reprovações e evasão escolar em massa. Isso ocorre, pois, a escola e os profissionais não estão preparados para atender ao público que “suruiu” nas escolas, pois o modelo que acreditam está para atender os “bons alunos”, e quando o aluno não se enquadra nesse padrão, ele é excluído pelos professores, pela escola e pelos colegas, além de já ser excluído da sociedade em si.

Isso é muito problemático, pois a formação dos professores não visa atender à diversidade, prejudicando a ideia de que a sociedade pode ser transformada através da educação, o que acaba se tornando uma grande mentira.

Essa prática avaliativa vem sendo muito criticada, pois nega e desrespeita as diferenças dos alunos em todas as áreas do desenvolvimento. Estigmatizando os alunos mais pobres e rotulando-os como incapazes e inferiores para aprender as habilidades exigidas. A homogeneidade acaba sendo uma busca incessante, e quem não se encaixa no padrão é visto como anormal.

No gráfico abaixo, divulgado pelo Instituto Unibanco⁶, feito em 2013 pelos pesquisadores Ruben Klein e Leandro Marinho, da Fundação Cesgranrio, calcula-se a taxa de repetência e evasão no Ensino Fundamental e Médio, a partir do Censo Escolar do MEC.

⁶ Trata-se de um artigo de divulgação de imprensa.



TAXAS DE EVASÃO E REPETÊNCIA

Por série/ano em 2013, em %

■ Alunos evadidos
■ Alunos repetentes



Fonte: Ruben Klein e Leandro Marino/ Fundação Cesgranrio, a partir do Censo Escolar/Inep.

A partir do gráfico, é possível perceber que a maior taxa de evasão e repetência é no 1º ano do Ensino Médio, porém ainda com taxas altas em outros anos do Ensino Fundamental.

Esses dados são muito preocupantes, pois essa taxa de evasão reforça a ideia de exclusão nas escolas, o que complica a situação desses estudantes perante a sociedade, que conseqüentemente acaba o excluindo também.

Por isso, acredita-se na importância de serem realizadas ações que visem refletir sobre o que se deseja avaliar, quem se deseja avaliar, entendendo o perfil do estudante que está sendo avaliado.

Com tudo isso, a evasão escolar acaba sendo a única saída vista por esses estudantes “fora do padrão”, pois muito provavelmente já são excluídos dentro da sociedade. Trazendo inúmeros questionamentos, como: porque vão ficar em um ambiente que reproduz essa ideia de exclusão e classificação, sendo que deveriam se sentir seguros e motivados?

5.3.2 Como a avaliação é vista pelas famílias

Assim como a avaliação escolar é um paradigma para escola, setor pedagógico, professores e alunos, também são para os pais e a sociedade como um todo. Infelizmente, a sociedade e conseqüentemente as famílias, ainda se baseiam em um ideal avaliativo tradicional, ou seja, a prova é a comprovação de que seu filho aprendeu ou não. Mas principalmente, a prova é utilizada como suporte para saber se a criança ou adolescente é um cidadão que está dentro dos padrões esperados.

Inclusive, essa lógica classificatória é utilizada pelas famílias para colocar a criança em algum patamar da sociedade. E infelizmente, são cobrados para que tenham um bom desempenho nas notas, enfatizando esse sentimento de medo e angústia dos alunos em relação à prova. A avaliação continua a ser vista como forma de aprovação dentro da escola, dentro de suas casas e dentro da sociedade em que vive.

Acredita-se que isso vem mudando com os anos, até dentro de algumas famílias, porém é percebido que as inovações avaliativas são aceitas enquanto são crianças pequenas, mas quando se trata de pré-adolescência e adolescência, essa compreensão passa a ser diferente para os pais. O que eles entendiam ser razoável pensar em um tipo de avaliação diferente para os seus pequenos, se torna inviável para os mais velhos.

Mas essa é ainda, uma característica de poucas famílias, pois a maioria se nega a acreditar que a avaliação possa ser vista de forma diferente. Isso se deve ao histórico dos próprios pais na escola, que vieram acreditando que a forma como foram avaliados a vida toda é a correta, já que conseguiram passar por isso e

“sobreviveram”, então seus filhos também devem passar. Isso se torna mais um desafio das escolas ao implementar alguma metodologia inovadora, pois a pressão das famílias é grande para que não ocorram mudanças que vão contra o que acreditam.

Para que inovações sejam feitas, todo o corpo escolar deve estar preparado para rebater as críticas, e isso exige formação para todos, mas principalmente para os professores. Isso deve acontecer para que tenham bagagem teórica e fundamentada para convencer os pais de que aquela metodologia está sendo utilizada visando uma melhor educação para seus alunos.

5.4 COMO METODOLOGIAS INOVADORAS PENSAM SOBRE A AVALIAÇÃO TRADICIONAL

“Um movimento direcionado pela concepção de escola como território múltiplo, marcado pela diversidade de culturas e vozes.”

Barriga, 2003.

A escola é defendida como um ambiente de aprendizado, mas é muito comum ver crianças sem aprender satisfatoriamente, e também muito comum encontrar professoras e professores que não ensinam adequadamente, mas o mais assustador é encontrar crianças e famílias que mal sabem o que a escola está se propondo a ensinar. A rotina da escola acaba sendo exaustiva tanto para os docentes quanto para os alunos, e muitas vezes isso desestimula o professorado a buscar mudanças.

Quando se trata de avaliação, muitos professores conseguem ter noção do quanto os mecanismos tradicionais se mostram insuficientes e que é necessário ir em busca de um processo avaliativo que não leve à classificação e hierarquização. Muitos professores, inclusive, acreditam que a avaliação individual a partir da observação acaba sendo mais benéfica e eficaz, porém exige mais esforço e dedicação dos docentes, o que se torna difícil em uma rotina escolar normal, exaustiva e caótica. Um ponto importante a ser percebido é de que quando esse tipo de avaliação é feita em relação aos alunos, permite que os professores auto avaliem suas práticas.

Furtado (2007) diz que costuma indagar professores sobre o tema Avaliação da Aprendizagem,

será que a verdadeira avaliação (composta das três etapas) é tão pouco praticada nas salas de aula pelo medo que o ato de refletir e agir nos provoca? Será que somente constatar não é mais prático? Dessa forma, as etapas de refletir e agir ficam somente por conta do aluno. O ato de gerir uma instituição de ensino exige, cada vez mais, coragem para encarar auto enganos. Os métodos empíricos precisam ser repensados à luz do compromisso que temos com os resultados que precisamos apresentar. (FURTADO, 2005, p.01)

Nas últimas décadas a sociedade mudou substancialmente as suas relações econômicas, políticas, culturais e suas bases tecnológicas, mas a educação não caminhou inteiramente junto com essa evolução, e, cada vez mais, ela vem se mostrando insuficiente para a aprendizagem do mundo. A aprendizagem precisa se tornar mais dinâmica, entendendo uma sociedade que muda todos os dias e, talvez, esse seja o maior desafio dos professores.

Para Furtado (2005, p.01), “nos últimos 20 anos, temos assistido algumas tentativas legislativas, de âmbito nacional e regional, voltadas para a mudança do paradigma de ensinar e aprender em nossas escolas.” A questão que o mesmo traz é que, por mais que essas mudanças legislativas sejam importantes, elas não são capazes de “promover a mudança de crença do professor”. Infelizmente, muitos estudos mostram que uma das principais barreiras para as novas políticas de aprendizagem é o fato dos professores criarem uma barreira em suas crenças indestrutíveis.

O modelo tradicional de educação não é mais o ideal para a formação de um cidadão em constante mutação, pois insiste em trazer as informações prontas, esperando que isso seja repetido sem muita reflexão. A questão é que, no mundo em que se vive, hoje, as mudanças são necessárias, é preciso pensar em uma formação mais dinâmica, porque o mundo é mais dinâmico hoje, e essa dinamicidade significa levar em conta o aluno e todos os saberes que carrega com ele, para que a partir daí se reconstrua um conhecimento significativo e maleável, por meio do qual aquele cidadão será capaz de se reinventar conforme a realidade lhe apresenta algo.

Por isso, Furtado (2005) defende essa aprendizagem significativa e traz sete passos para que seja compreendida:

- 1) O **sentir** – toda aprendizagem parte de um significado contextual e emocional;
- 2) O **perceber** – após contextualizar o educando precisa ser levado a perceber as características específicas do que está sendo estudado;
- 3) O **compreender** – é quando se dá a construção do conceito, o que garante a possibilidade de utilização do conhecimento em diversos contextos;
- 4) O **definir** – significa esclarecer um conceito. O aluno deve definir com suas palavras, de forma que o conceito lhe seja claro;
- 5) O **argumentar** – após definir, o aluno precisa relacionar logicamente vários conceitos e isso ocorre através do texto falado, escrito, verbal e não verbal;
- 6) O **discutir** – nesse passo, o aluno deve formular uma cadeia de raciocínio através da argumentação;
- 7) O **transformar** – o sétimo e último passo da reconstrução do conhecimento é a transformação. O fim último da aprendizagem significativa é a intervenção na realidade. Sem esse propósito, qualquer aprendizagem é inócua.

Pensando nisso, a avaliação também caminha com essa característica tradicional, e por mais que a legislação e as propostas pedagógicas trazem a ideia de uma avaliação formativa e personalizada, na prática não se vê. No cotidiano escolar essas ideias acabam ficando somente no papel e no discurso dos professores, pois, infelizmente, a avaliação tradicional ainda é muito presente dentro e fora das escolas. Segundo Perrenoud (1999) apud Furtado (2005, p. 04) “o sistema tradicional de avaliação oferece uma direção, um parapeito, um fio condutor; estrutura o tempo escolar, mede o ano, dá pontos de referência, permite saber se há um avanço na tarefa, portanto, se há cumprimento do seu papel”.

O sistema educacional ainda é direcionado a partir de uma avaliação classificatória, visando a verificação da aprendizagem através das quantificações, pressupondo que todos os alunos aprendem da mesma maneira, não levando em conta todo o contexto escolar e a individualidade de cada criança. Não se pensa nas competências de cada indivíduo, nem em suas condições de estudo, o que acaba excluindo aqueles que não acompanharam todo o processo, sem refletir sobre a

individualidade desse aluno. A avaliação acaba sendo um instrumento de julgamento e de classificação.

Segundo Furtado (2005), a avaliação como é conhecida hoje já estava presente no *Ratio Studiorum*, um documento publicado em 1599, que regulamenta o funcionamento das escolas jesuíticas.

O documento recomenda, por exemplo, que os professores não permitam que seus alunos consultem colegas ou a pessoa que estiver “tomando conta” da prova. Recomenda também que sob nenhuma hipótese, se prolongue o tempo determinado para a prova para que algum aluno termine de responder alguma questão. (FURTADO, 2005, p. 1).

Essa ideia de avaliação acaba consolidando os ideais de uma sociedade burguesa, que busca constatar, classificar e excluir. E isso passa a ser não somente um objetivo da escola ou do professor, mas também dos próprios alunos, aos criarem um ar de competição entre eles mesmos. Retratando a realidade da sociedade em que se vive que também é discriminatória, classificatória e excludente. O foco da avaliação acaba sendo sempre a nota e não o processo de aprendizagem.

Mas é possível repensar a educação e a avaliação, para que haja uma mudança também na sociedade,

(...) a necessidade de reconstrução do processo de avaliação como parte de um movimento articulado pelo compromisso com o desenvolvimento de uma prática pedagógica comprometida com a inclusão, com a pluralidade, com o respeito às diferenças, com a construção coletiva. Um movimento direcionado pela concepção de escola como território múltiplo, marcado pela diversidade de culturas e vozes. Esta transformação requer uma redefinição paradigmática. (BARRIGA apud FURTADO, 2003, p. 17).

5.4.1 Propostas inovadoras

Para Luckesi (2005) a avaliação da aprendizagem só pode ser real e certa, quando pensada a partir de uma pedagogia que se atenta ao ser humano como um ser em movimento e em construção permanente. E é por isso que a avaliação da aprendizagem deve deixar de ser vista como um objeto de classificação, seleção e exclusão social, deixando de lado o tradicionalismo e se comprometendo com uma escola de qualidade para todos os alunos. Inclusive Furtado (2005) defende que,

Transformar a prática avaliativa significa questionar a educação desde as suas concepções, seus fundamentos, sua organização, suas normas burocráticas. Significa mudanças conceituais, redefinição de conteúdos, das funções docentes, entre outras. (FURTADO, 2005, p. 6).

Transformar a avaliação vai muito além de repensar somente neste instrumento, afinal toda a aprendizagem precisa se readaptar à essa necessidade. Questionando desde as concepções de educação até as suas formas de organização, e isso vale tanto para os conteúdos quanto para os docentes. Além do mais, toda a educação deve ser pensada para cada aluno, identificando suas particularidades para então perceber as possíveis causas do seu fracasso e dificuldades, possibilitando uma qualificação do ensino e não apenas uma quantificação da aprendizagem.

“O ato de avaliar implica dois processos articulados e indissociáveis: diagnosticar e decidir. Não é possível uma decisão sem um diagnóstico, e um diagnóstico, sem uma decisão.” (LUCKESI, 2000, p. 2).

Primeiramente é preciso conhecer o aluno, saber com quem está acontecendo esse diálogo da aprendizagem, e para isso é necessário que se saiba diagnosticar. Segundo Luckesi (2000), a constatação é o primeiro passo para que esse diagnóstico ocorra, e nada mais é que conhecer o seu objeto de estudo, saber com quem está lidando. A avaliação formativa busca sempre conhecer o aluno e o que está sendo aprendido, para então adequar todo o processo de ensino e repensar na didática utilizada, ou seja, além de avaliar o próprio aluno, ela possibilita a auto avaliação do próprio docente.

Em seguida, é preciso qualificar, sem classificar, mas, sim, perceber se a aprendizagem está satisfatória ou insatisfatória. Mas o principal é saber que não se deve parar aí, mas a partir dessas informações buscar entender o que fazer com elas, e estabelecer um objetivo, senão de nada adianta.

Para que seja efetivo, o docente precisa acolher esse processo de aprendizagem, sem julgamentos e de forma afetiva. É essencial que essa disponibilidade de acolhimento faça parte do professor. Além disso, acolher o aluno como um todo, como um ser e não apenas naquela aprendizagem, em si, para estabelecer um vínculo com aquela pessoa, somente assim será possível ajudá-lo.

As pedagogias contemporâneas valorizam uma metodologia mais participativa onde a avaliação é concebida como experiência de vivência. Na relação dialética, presente na avaliação, o aluno confronta-se com o objeto do conhecimento que o levará a participação ativa, valorizando o fazer e refletir, sem medo de errar porque o erro, no processo ensino-aprendizagem, assume o caráter mediador. Assim, tanto o aluno como o professor podem

rever sua trajetória para compreender e agir sobre o conhecimento e a avaliação não se reduz a apenas atribuir notas. (GASPAR, 2010, p.7).

Por isso também, Furtado (2005) traz a ideia de que é necessário se pensar em uma avaliação formativa contínua e integrada, possibilitando avaliar os alunos cotidianamente, deixando de lado a ideia da prova que avalia o aluno naquele determinado momento. Esse tipo de avaliação permite pensar em todas as áreas de capacidades do aluno, avaliando todo o contexto que é componente do currículo escolar, além de se fundamentar no processo de aprendizagem do aluno, visando auxiliar nessa evolução a partir da avaliação.

Para Furtado (2005),

A avaliação não começa nem termina na sala de aula. A avaliação do processo pedagógico envolve o Planejamento e o Desenvolvimento do processo de ensino. Neste contexto é necessário que a avaliação cubra desde o Projeto Curricular e a Programação, do ensino em sala de aula e de seus resultados a aprendizagem produzida nos alunos. (FURTADO, 2005, p. 8).

Avaliar um educando, segundo Luckesi (2000), implica acolhê-lo no seu ser e no seu modo de ser, como está e a partir daí decidir o que fazer. E isso deve partir do avaliador e não esperar que seja o contrário. O ato de acolher deve vir sempre antes do ato de julgar, somente assim pode-se garantir que não haverá exclusão.

Segundo Hoffmann (2000),

avaliar nesse novo paradigma é dinamizar oportunidades de ação- reflexão, num acompanhamento permanente do professor e este deve propiciar ao aluno em seu processo de aprendizagem, reflexões acerca do mundo, formando seres críticos libertários e participativos na construção de verdades formuladas e reformuladas.” (HOFFMANN, 2000 apud SANTOS, 2005, p. 8.)

Repensar os instrumentos avaliativos também é um passo a ser dado, pois de nada adianta alterar todo o processo com uma proposta final desastrosa. Se não direcionar o olhar para esse ponto, pode-se desclassificar, comprometer ou perder todo um trabalho anterior.

Em relação à instituição, é importante trazer mais momentos de estudo e reflexão, para que todo o coletivo escolar caminhe junto buscando uma formação adequada e melhores condições pedagógicas, para que os alunos se desenvolvam plenamente. Esse espaço de estudo é importante para dar bagagem aos docentes, pois em tudo o que é novo surgem resistências e esse conhecimento com certeza será um incentivo para a transformação da prática educativa.

O processo de conquista de conhecimento de forma dialógica, supera o senso comum deformado a respeito da avaliação, mas para se concretizar uma transformação é preciso envolver todo o coletivo escolar. Os professores devem investir para criar uma nova mentalidade junto aos alunos, aos demais educadores e aos pais. Os pais e alunos precisam encontrar o mesmo tipo de postura por parte de cada professor e dos demais profissionais que atuam na escola. Os critérios utilizados na avaliação devem ser conhecidos anteriormente pelos pais e alunos. A escola deve privilegiar espaços para que estes critérios sejam sempre discutidos, aclarados e concretizados. (VASCONCELLOS, 2005 apud GASPAS, 2010, p. 09).

Discutir sobre a avaliação é também discutir a prática pedagógica do professor, porém é muito difícil mudar o pensamento tradicional de que o professor ensina e o aluno aprende, sem alterações. Um dos objetivos da avaliação deve ser a qualidade da prática pedagógica do professor, pois ela é necessária para que a aprendizagem seja bem sucedida.

Para que um novo método avaliativo seja colocado em prática, é necessário que o professor entenda e busque suas potencialidades, tendo como foco a aprendizagem do aluno. O docente precisa direcionar seu olhar atento para seus alunos e perceber quais são as reais necessidades. Isso significa olhar para a sua prática também, para que compreenda que a avaliação vai acompanhar a construção da aprendizagem e não vai ser o produto final apenas.

Para Gaspar, muitos professores reproduzem, em sua prática pedagógica, influências de sua formação desenvolvida numa visão tradicional e classificatória da avaliação. Avaliar, é permear todo o processo e assim verificar o que o aluno aprendeu, para, a partir daí decidir o que será feito. Pensando assim a avaliação não será somente o nível de aprendizagem, mas também buscando aperfeiçoar o ensino.

entendo que a avaliação, enquanto relação dialógica vai conceber o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e pelo professor, como ação-reflexão-ação que se passa na sala de aula em direção a um saber aprimorado, enriquecido, carregado de significados, de compreensão.” (HOFFMANN, 1996 apud GASPAS, 2010, p. 9).

Segundo Pereira (2012), para determinar a avaliação que se quer nas salas de aula, o educador precisa ter clareza sobre qual é o aluno que ele quer formar e, a partir daí, qual será a função social da escola a que ele aspira. Então a avaliação deve estar relacionada a uma visão de sociedade e de homem explícitas no Projeto Político Pedagógico da escola.

a avaliação deve passar a ser referência para a própria criança, no sentido de superação das dificuldades que venha encontrando... Assim sendo, compreendemos que a principal finalidade da avaliação no processo escolar é ajudar a garantir a construção do conhecimento, a aprendizagem por parte dos alunos. (VASCONCELLOS, 1995, apud PEREIRA, 2012, p. 8)

Por isso, é crucial repensar as práticas avaliativas, mesmo com todas as dificuldades, pois ela precisa deixar de ser vista como uma ameaça e cheia de pavores. A avaliação é muito mais do que exames, segundo Luckesi (2000, p. 01), “ela deve ser amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva, diversa dos exames, que não são amorosos, são excludentes, não são construtivos, mas classificatórios. A avaliação inclui, traz para dentro; os exames selecionam, excluem, marginalizam.”

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Cada membro do grupo escolar deve vestir a camisa da inovação e pensar nos seus alunos.”

Angela e Jady, 2020.

A avaliação é um dos pilares da educação, é um instrumento rico de possibilidades e que pode ser um grande aliado para cada pessoa que integra o sistema escolar. Porém, o sistema avaliativo como era e ainda é visto não é benéfico para ninguém, pois se torna um poderoso objeto classificatório e excludente, coisa que não deveria ser.

A prova, como conhecemos hoje, significa um grande pavor para a maior parte da população, e é muito simples perceber isso, pois basta perguntar para as pessoas do seu convívio que vai confirmar como a prova sempre causou medo, insegurança, estresse e ansiedade para a maior parte dos estudantes. Mas se sabemos que o sistema avaliativo que estamos acostumados não é o ideal, porque não mudamos?

É aí que mora a grande questão, por pior que seja e por mais que as pessoas tenham consciência do quão prejudicial é, ainda é um grande paradigma difícil de resolver. Quando se trata das famílias, fica difícil defender uma inovadora forma de avaliar, diferente da que elas vivenciaram durante a sua trajetória escolar e a que estão acostumadas. Na maioria das vezes não acham eficaz outra forma de avaliar e defendem as metodologias tradicionais, pois acreditam que é a única que pode preparar seu filho para o vestibular por exemplo.

Para as instituições escolares também se torna um grande tabu, pois, apesar de reconhecerem os malefícios do sistema avaliativo tradicional, acabam cedendo às vontades dos pais, para evitar conturbações. Além disso, reconhecem que para que haja uma mudança de metodologia é necessário investimento e grande dedicação por parte do corpo escolar. E os docentes, acabam ainda sendo um desafio na troca de metodologias, pois reconhecem a necessidade de mudanças, mas muitas vezes prefere o que está cômodo para ele. Qualquer tipo de alteração exige uma maleabilidade do profissional, para que incorpore a inovação e lute por aquilo. Mas isso se torna difícil para os docentes devido à muitos fatores, um deles

é a rotina exaustiva que vivenciam, fazendo com que os professores achem inviável adotar mais uma responsabilidade. Outro ponto que pesa em qualquer mudança, é alcançar o pensamento do professor e fazê-lo acreditar nessa inovação, principalmente para àqueles professores que estão a anos trabalhando de maneira tradicional. Ainda mais porque muitos utilizam a prova como um instrumento de coagir os alunos e de ameaça, para conseguir “controlar” a turma.

São tantos empecilhos que o primordial acaba ficando em segundo plano, o ensino de qualidade para os alunos e a valorização da aprendizagem de cada um. Cada aluno possui um grande potencial de aprender, mas nem todos conseguem demonstrar isso em uma única prova que é aplicada em um dia tenso e cheio de cobranças. Quando se pensa nesse caminho, percebe-se o quanto o sistema avaliativo é injusto e ineficaz.

As metodologias inovadoras estão aí para isso, para remar contra a maré e demonstrar o quanto a avaliação pode ser algo mais leve, tranquilo e principalmente eficaz. Porque avaliar o aluno em um único dia se ele está em um grande processo de aprendizagem, onde ele mostra a cada dia algo novo que conheceu. A avaliação pode ser muito mais significativa, tanto para o docente quanto para o discente, pois se torna algo palpável, que você reconhece a sua veracidade e pode buscar mecanismos para ajudar o aluno em alguma dificuldade.

Reconhecer seu aluno facilita muito no processo de ensino-aprendizagem, pois você sabe com quem está lidando, com o tipo de relação com o conteúdo, com a forma de aprender e principalmente com a maneira de demonstrar o que aprendeu. Cada pessoa dispõe do seu jeito e da sua personalidade, e porque na escola isso seria diferente? Cada aluno demonstra o seu aprendizado de uma forma diferente, e cabe ao professor identificar quando ele está fazendo isso.

Saber avaliar o aluno de forma processual e integral significa saber identificar o que o aluno conseguiu assimilar e o que você precisa fazer para ajudá-lo a compreender o que ainda não aprendeu. Além disso, é um poderoso instrumento de auto avaliação para o próprio docente, pois assim vai perceber se a maneira que está conduzindo o aprendizado está sendo correta e suficiente para seus alunos ou se precisa mudar algo em seu planejamento, método e avaliação.

Portanto, acredita-se que mesmo com todos os desafios para implementar uma metodologia inovadora, é algo que todos os profissionais da educação devem estudar, se aprofundar e principalmente lutar com todo o seu esforço. Essa necessidade é algo inevitável e que está se tornando cada vez mais visível a sua importância, por isso cada membro do grupo escolar deve vestir a camisa da inovação e pensar nos seus alunos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. R. **Avaliação escolar x repetência e os reflexos do sistema educacional no desenvolvimento de adolescentes: um estudo realizado com alunos do interior do Estado de Minas Gerais e do Estado do Rio de Janeiro.** Disponível em: http://web.unifoa.edu.br/portal_ensino/mestrado/mecasma/arquivos/03.pdf. Acesso em: 20 maio 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11692747/inciso-v-do-artigo-24-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>. Acesso em: 04 abr. 2020.

DEPRESBITERIS, L. **Avaliação da aprendizagem do ponto de vista técnico-científico e filosófico-político.** Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p161-172_c.pdf. Acesso em: 18 abr. 2020.

DEPRESBITERIS, L. **O desafio da avaliação da aprendizagem; dos fundamentos a uma proposta inovadora.** São Paulo. Editora E.P.U. 1989.

FREDDO, M. L. **A avaliação como forma de exclusão.** Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/415/Freddo_Maria_de_Lourdes.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 jul. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FURTADO, J. C. **Avaliação e mudança: necessidades e resistências.** Disponível em: http://juliofurtado.com.br/artig_avaliacao.pdf. Acesso em: 18 abr. 2020.

FURTADO, J. C. **A aprendizagem significativa passa pela avaliação formativa.** Disponível em: <http://juliofurtado.com.br/wp-content/uploads/2015/08/Texto-A-apz-significativa-passa-pela-avalia%C3%A7%C3%A3o-formativa.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2020.

FURTADO, J. C. **Gestão, avaliação e resultados: encarando o autoengano.** Disponível em: <http://juliofurtado.com.br/Gestao%20avaliacao%20e%20resultados.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2020.

GASPAR, M. L. F. **O processo de avaliação da aprendizagem escolar na prática pedagógica.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1770-6.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2020.

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora: uma pratica em construção da pré-escola a universidade.** 6.ed. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

HOFFMANN, J. **Avaliação mito & desafio**: Uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 2003.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação. 2002.

INSTITUTO UNIBANCO, **Quem são os jovens fora da escola**. Disponível em: <<https://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/5/>> Acesso em 22 de outubro de 2020.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LUCKESI, C. C. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?** Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1421320/mod_resource/content/1/O_ato_de_avaliar_a_aprendizagem_Luckesi.pdf. Acesso em: 22 jun. 2020.

LUCKESI, C. C. **Entrevista concedida à aprender a fazer**. Impressão Pedagógica. Curitiba: Ed. Gráfica Expoente, n. 36, 2004, p. 4-6. Disponível em: www.luckesi.com.br. Acesso em: 10 de jun. 2020.

LUCKESI, C. C. Entrevista sobre avaliação da aprendizagem. **Jornal do Brasil**, [Rio de Janeiro], 21 jul. 2000. Disponível em: www.luckesi.com.br. Acesso em: 10 de jun. 2020.

PEREIRA, R. F. P. G. **Avaliação da aprendizagem escolar: do instrumento de coerção às práticas avaliativas emancipadoras**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/abril2012/pedagogia_artigos/rozeli_pereira.pdf. Acesso em: 18 abr. 2020.

RONCA, P. A. C.; TERZI, C. A. **A prova operatória**: contribuições da psicologia do desenvolvimento. São Paulo: Ed. do Instituto Esplan, 2018.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SANTOS, J. C. F. **A aprendizagem significativa passa pela avaliação formativa**. Disponível em: <http://juliofurtado.com.br/wp-content/uploads/2015/08/Texto-A-apz-significativa-passa-pela-avalia%C3%A7%C3%A3o-formativa.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2020.

SANTOS, J. C. F. **O desafio de promover a aprendizagem significativa**. Disponível em: <http://juliofurtado.com.br/textodesafio.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2020.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo. Editora Cortez. 2007.

SILVA, J. A. R. **Tecendo reflexões sobre avaliação da aprendizagem educacional**. Disponível em:
http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/7/artigo_simposio_7_1011_joelmasilva300anos@hotmail.com.pdf. Acesso em: 18 abri. 2020.

TEIXEIRA, F. E. C. **Aprendendo a aprender.** Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/7/artigo_s_imposio_7_1011_joelmasilva300anos@hotmail.com.pdf. Acesso em: 05 maio 2020.

TODA a atenção para a Neurociência. **Revista Nova Escola**, São Paulo, Ano 27, n.253, p. 48-55, 2012.

VASCONCELLOS, C. S. **Finalidade da avaliação.** Disponível em: <https://slideplayer.com.br/slide/4337836/>. Acesso em: 18 abr. 2020.

VASCONCELLOS, C. S. **Avaliação:** concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 1995.